

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **CURIOSIDADES DE GUIMARÃES. XVI O CULTO POÉTICO POPULAR E ROMEIRINHO A NOSSA SENHORA.**

BRAGA, Alberto Vieira

Ano: 1954 | Número: 64

---

### Como citar este documento:

BRAGA, Alberto Vieira, Curiosidades de Guimarães. XVI O Culto Poético Popular e romeirinho a Nossa Senhora. *Revista de Guimarães*, 64 (3-4) Jul.-Dez. 1954, p. 421-461.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Curiosidades de Guimarães

## XVI

### O culto poético popular e romeirinho a Nossa Senhora

Por ALBERTO VIEIRA BRAGA

---

#### **Antes da poesia. No caminho da poesia de amor à terra e a Nossa Senhora.**

A primeira batalha do espírito, de inspirados luzeiros e desígnios e de afirmações de fidelidade e de obediência a um credo de salvação humana, foi desferida contra mouros e judeus pela voz do Apóstolo, do asceta, do evangelizador S. Tiago, emissário sacrossanto da pregação divina e das verdades cristãs, avançadas dulcificantes de saudação, de amor e de filial homenagem.

Durante o seu crucioso viandar, em afogo de piedade, estabeleceu cenóbios, eremitérios e presbitérios numa superabundância jubilosa, contente da sua presença de vontade e da sua própria palavra de magia, que espalhava sementes de bálsamo, de promessas e de nazarena caridade.

E criando por floração espiritual, as suas embaixadas veleiras de apostolado, levou por toda a Península Ibérica o livro santo das leis divinas e da maior ciência do mundo, numa dianteira peregrina de encaminhar as almas para Deus, isto a acreditar na simplicidade primária e na harmonia concertante de todos os luminares e sábios da igreja e da teologia.

Toda a paisagem adorável do seu desenvolto e espiritualizado peregrinar é compreensivelmente verdadeira, pela fortuna alumiada e pacificadora da sua existência e das suas operações e contactos de rea-

lidade absoluta, em andadas físicas e não diáfanas e indefinidas.

Ficaram, palpáveis, alçados, em temporalidade de resgate e para a mais completa perfectibilidade das almas com sede do eterno descanso em Deus, muitos templos e ermidas pelas bifurcações do caminho que trilhou, pontos capitais de um itinerário de espinhos e de devoção unitiva.

Estes refúgios sagrados, marcos miliários de tão assinalada rota, de tão largos surtos de evangelização, relacionando a natureza dos seus mandamentos, espalharam por todos os corpos hierárquicos um serviço moral de protecção, de justiça e de culto, desviando do contemplativo terreno e das investidas bárbaras e supersticiosas, pelo sentido absoluto e consciente da verdade, as manadas mais estropiadas e corrompidas da vida.

Aberto e aplanado o caminho e seguido o exemplo, a devoção expandiu-se por um calcorrear ininterrupto de cruzadas peregrinas e romarieiras, em seráficos clarões de cerimónias, de ritos e de aventurosas pregações dealbatórias, para que deste modo e supetamente se fossem entumecendo as legiões cristianizadas, que mais afoitas e docilizantes, em arrulhos sociáveis, se entregavam ao culto do trabalho e da família.

Desde a Idade Média, o ditoso inebriamento dos milagres e das peregrinações correu como mirífica doutrina, entornando soberanamente miragens de exaltação febril por todos os espíritos sedentos e inconsoláveis.

Os sucessos bem correspondidos, só se obtinham pelo sacrifício da jornada, pela penitência imposta, pelas oblações e votos caprichosos e encarcerados, pelas rezas, pelas missas e pelas estiradas longas, em prosseguimento amortalhado, sangrento, de cajado e bernal.

Os exércitos cristãos, os dignitários da corte, os venerandos e encanecidos propagadores da fé, as inspiradas transumâncias dos cavaleiros da conquista, numa obediente firmeza de sentimentos ao poder insuperável de Deus, acalmaram os ímpetos dissipadores das milícias irreverentes e iconoclastas, e amer-

cearam-se de muitas almas sem conforto, de muitas misérias sem amparo, que se aninhavam em tristura empedernida na braveza de um solo abrupto e corrompido, sem crmandade e sem temperanças para o corpo e para o espírito. Todo este coro de lusitánicas pregações e refluxos combativos, animando o protesto aos desbragados cerimoniais profanos e paganizados, tornou possível o milagre do jornadeio de fé, entre nós, de dois príncipes adventícios das pégadas santas pelos trilhos das brenhas, de lábios puros e corpo incorruptível, fecundos e proveitosos no espalhar de graças siderais e jubilosas sensações de confiança às embaladas ondas peregrinas dos convertidos e dos amachucados de servidões e de castigos—S. Torcato, lendário companheiro de S. Tiago e S. Gualter, emissário de autoridade, que docemente por aqui se quedou, abrigando e curando os desconfortados, os pestilentos e os leprosos.

E o povo e os nobres, os moços e os velhos, as donas e as mancebas, num brotar simultâneo e espontâneo de saudações e de súplicas, de razão entregue aos palpitantes e aclarados e proclamados ideais de ressonância divina, deixando as arribanas, os tugúrios e os palácios, corpos e corações cheios de grandezas e de estupefacção, de sofrimentos e de queixumes, baralhados na mesma colectiva exaltação de salvatério misericordioso, imensidade que a todos abrangia sem dessemelhança de estado, cortavam a festo e a eito para se unirem às ladainhas estribilhantes e frenéticas das peregrinações, esfarrapadas e luzentes na amálgama volteante de murmúrios e gemidos de muita raça castiça e mestiça.

E lá se juntavam, em magotes caminheiros, despejados dos carrochos e cangostas penhascosas e de pé posto, no desemboco das vias romanas, vindos do Alto Minho, Trás-os-Montes, Douro e Beiras, para a romaria de presença, desejada e realizada ao sabor das emoções e das paixões, sentimentos de inquietação e de dúvida, que os faziam procurar a paisagem evocativa dos mosteiros espirituais mais virtuosos pelo afago do acolhimento e gênio poderoso do milagre, como fossem os divinizados templos que acolhiam os sepulcros de S. Tiago, de S. Torcato,

de S. Gualter e o mosteiro caloroso de amorosidade celestial que entronizava a alvacenta e encantada ternura de Nossa Senhora da Oliveira, veneranda Rainha dos mareantes, recrudescida de glórias e de feitos, Madrinha luminosa de afilhados sem conta, milagrosa e libérrima Protectora das batalhas primeiras de Portugal, e que agasalhou humildosamente todos os anseios febris de oração e de luta de D. Afonso Henriques e de D. João I. Guimarães foi, inegavelmente, um grande centro de peregrinações.

Não são precisas datas nem matéria documental para se provar que o culto a Nossa Senhora, em Guimarães, é contemporâneo da fundação histórica do nosso primeiro templo religioso, logo nos alvares da vida nacional.

Portugal, desde as primeiras horas, esteve sob a protecção de Santa Maria.

A tradição, relacionada com o tempo e o espaço, encomendando-se a todas as celebrações do culto e práticas dos costumes e do trabalho, estreitamente colabora com o génio poético do povo, que herdou dos cancioneiros medievais, todo o crescente brotar dos seus arroubos apaixonantes. A lembrança das cruzadas frequentes de guerreiros e cortesãos, manteve acesa a comunicação estreita e alastradamente fervilheira das romarias e peregrinações às ermidas que ficavam lá para os escabrosos e encantados termos de distância.

Só elas davam, pelo sacrificio da jornada, as esmoladas favozas de Deus, cantando-se em liberdade e graça, no tempero do que se pedia em oração e súplica. E para consolo das almas e por via da tortura dos caminhos, derramavam-se até ao sangue e ao suor, votos penitenciais e valiosas ofertas de promessa, acompanhados de observâncias insatisfeitas de preceitos e rigores, para que nos peitos mais alanceados se não fechasse totalmente o véu caricioso das esperanças.

Eram os purgatórios refervedoiros deste mundo, por onde se consumiam todos os que choravam e alimentavam as suas dores e manias dominantes,

rompendo na trilha das peregrinações por um abraçamento de contagiada exaltação, tanto quanto podiam, alguns no desnor-teio da cegueira, sem parar nunca, até caírem de prostração e sofrimento, por uma penitência assombrada, naqueles lugares santos por onde muitos ficavam, à espera da agonia e da morte...

De muitas invocações religiosas, das antigas romarias do passado, das aventuras e inquietações que se atopavam nas lucilâncias dos ideais terrenos, encontramos os sulcos e os laivos na história dos cancioneiros das narrativas trovadorescas.

Todos estes fenómenos vulgarizados e variados de narrativa, passaram por diversas transformações evolutivas de reacção e criação poética, entrando o grande ciclo das influências tradicionais e nacionais na elaboração novelesca dos poemas de aventuras e dos romanceiros. E pelo avanço dos tempos, o tipo comum e tradicional da poesia individual mais evidenciado nas populações românicas, tomou o novo sentido de corrente, no cantar metrificado da redondilha.

O Cancioneiro da Vaticana, porém, é o monumento mais rico e mais vasto das afluições de inspiração popular e erudita dos séculos XIII e XIV.

Revela-nos sucessos históricos e sociais, as galan-terias de amor, as gestas de maldizer, as lendas e as superstições. As aventuras e a espiritualidade religiosa tomam ali também uma grande parte de emoção e de representação, avivando no mais antigo sabor poetizado, um ementário curioso e esquecido de tradições e de costumes.

Independentemente das canções irreverentes e irreligiosas, o nome de Deus, da Virgem, dos Santos e dos santuários entram abundantemente na espiri-tualidade trovadoresca dos cancioneiros medievais, e como invocação divina e afervoramento religioso, muitas canções relativas a romarias, a peregrina-ções, numa poética e bucólica relação de lirismo amoroso e preto mariano se encontram no Cancio-neiro da Vaticana, onde figuram trovadores portu-gueses, galegos, leonêses e castelhanos.

Deus e Santa Maria eram a exaltação espon-tânea e suspirante de todos os rogos balbuciados

pelos tropeiros cristãos. Os caminhos de longada a Santiago, pelas romagens ao Apóstolo, enchem-se de canções e coros, e vão cheios da devoção jubilosa e expansiva da Europa inteira.

O Santo das Espanhas é imensamente declamado. Os suplicantes vão ao encontro das suas graças e virtudes.

As peregrinações a S. Tiago deixaram largo rasto trovadoresco, mais do que as romarias indicadas no Cancioneiro a S. Servendo, S. Clemenco, S. Simon, S. Salvador, S. Leuter, S. Marçal, S. Marcos, Santa Marta, Santa Ovaya, S. Mamede, Santa Cecília, S. Payo, S. Pedro e Santa Maria das Leiras.

Os monarcas tinham o cavalheiresco, a donosidade e a cortesia das expressões palacianas, no sentido do seu comprazer melodioso de cançonetar:

Canção de Payo Gomes Charrinho, que frequentou a corte de Afonso o Sábio:

Ay, Santigo, padron sabido,  
vós m'adugades o meu amigo;  
sobre mar vem quem frores d'amor tem  
myrarey, madre, as torres de Jeen.  
Ay Santiago, padron provado (1).

Canção do clérigo Ayras Nunes:

Em Santyago seend'albergado  
em mha pousada chegarom romeus,  
preguntey-os et disserom: Par deus,  
muyto levade-lo caminho errado (2).

E o mesmo referindo-se a uma romaria de D. Dinis:

A Santiago em romaria vem  
el rey, madre, praz-me de coraçom  
por duas cousas, sse deus me perdon,  
em que tenho que me faz deus gram bem  
cá verey el-rey qua nunca vi,  
et meu amigo que vem com el y (3).

(1) Theophilo Braga, *Cancioneiro Portuguez da Vaticana*, Lisboa, 1878, pág. 81.

(2) Idem, pág. 86.

(3) Idem, pág. 87.

«O hábito das romagens piedosas ainda tão popular na Província do Minho influuiu em um género de cantos chamados de *ledino*. A romagem de S. Tiago a Compostela tornava a Galiza um centro de unificação poética, e é por esta circunstância secundária, mas que fortalece as condições étnicas, que a Galiza ficou o foco de irradiação do gosto trovadoresco. Numa canção de Pero Amigo de Sevilha, acha-se revelada esta comunicação, e indica pouco mais ou menos a época em que as *pastorelas* se propagaram na Península.»

Quand'eu hum dia fuy em Compostela  
em romaria vi hunha pastor,  
que poys fuy nado nunca vi tam bela,  
nem vy a outra que falasse milhor,  
e demandi-lhe log'o seu amor,  
e fiz por ela esta pastorela (1).

De Ayras Carpancho, que sente e exterioriza a sua fé, pagando os favores das graças obtidas com as promessas dos ex-votos:

Por fazer romaria pug'eu meu coraçom  
a Santiago um dia por fazer oraçom,  
e por veer meu amigo logu'i.  
E sse fazer tempo, e mha madre non for,  
querrey andar mui leda e parecer melhor,  
e por veer meu amigo logu'i.  
Quer'eu ora mui cedo provar se poderey  
hir queymar mhas candeas con grã coita qu'ey (2).

De Pero Vyvyaens:

Poys vossas madres vam a San Simon  
de Val de Prados candeas queymar  
nós as meninas punhemos d'andar  
com nossas madres, s'elas entom  
queymem candeas por nós e por sy  
e nós meninas baylaremos hy (3).

(1) Theophilo Braga, *Cancioneiro Portuguez da Vaticana*, Lisboa, 1878, pág. 132.

(2) Idem, pág. 51.

(3) Idem, pág. 64.

## De Dom Afonso Lopes de Bayam:

Hyr quer'oj'eu, fremosa de coraçom  
 por fazer romaria e oraçom  
 a sancta Maria das Leiras,  
 poys meu amigo hy vem (1).

## De Pero de Dardia:

Foy hũ dia polo veer  
 a Santa Marta, em a er  
 hu m'el jurou que morria  
 por mi, mays nom mi querria  
 tam gram bem como dizia.

em Santa Marta na ermida  
 migo led', e hy me veja  
 se quiser, e senom ande (2)

## De Pero de Veer:

A Santa Maria fiz hir meu amigo  
 e non lh'atendi o que poz comigo (3)

## De Joham Servando:

Quand'eu a San Servando fuy um dia d'aqui  
 fazel-a a romaria, e meu amigu'i vi

Que bona romaria con meu amigo fiz!

Foy el fazer noutro dia  
 oraçom a Sam Servando

A San Servando foy meu amigo,  
 e porque non veo falar migo  
 direy-o a deus,  
 e chorarey dos olhos meus.

Ora van a San Servando  
 donas fazer romaria,  
 e nom me leixam com ellas  
 hir, ca log'a lá hiria

---

(1) Theophilo Braga, *Cancioneiro Portuguez da Vaticana*, Lisboa, 1878, pág. 65.

(2) Idem, pág. 136.

(3) Idem, pág. 138.

A San Servand'u ora vam todas orar,  
 madre velida, por deus vin-vol-o roguar

Ma madre velida! e nom me guardedes  
 d'ir a San Servando (1)

### De Martim de Caldas:

E fui eu fazer oraçon  
 a San Clemente e nom vos vi

Sam Clemente, do mal  
 se mi d'el nom vingar,  
 nom dormirey!  
 San Clemenço, senhor,  
 se vingada non for,  
 non dormirey!

Nom vou eu a Sam Clemenço  
 orar e faço gram razom,

Non vou eu a San Clemenço,  
 nem el non se nembra de mi  
 nunca tantos estandaes  
 arderam ant'o seu altar

Estava-m'em Sam Clemenço  
 e fôra candeas queimar,  
 e disse-m'o mandadeiro,  
 fremosa de bom semelhar:  
 agora verrá aqui o voss'amigo (2)

### De Martim Pedrozellos:

Por deus, que vos non pes,  
 mha madr'e e mha senhor,  
 d'ir a San Salvador

Por fazer oraçon  
 quer'o j'eu a lá hir.

San Salvador sabe que assy é  
 cá vos fostes mui sen o meu prazer

---

(1) Theophilo Braga, *Cançoneiro Portuguez da Vaticana*,  
 Lisboa, 1878, págs. 140 e 141.

(2) Idem, págs. 151 e 152.

Por deus vos rogo, madre, que me digades  
que vos mereci, que mi tanto guardades  
d'ir a san Leuter falar com mé amigo?

Sabe-o san Leuter a que o eu muyto roguey  
que non mereci porque o sanhud'ey (1)

#### De Martin de Gilzo :

Se vos prouguer, madr'oj' este dia  
hirey oj'eu fazer oraçom  
e chorar muyt'en santa Cecilia  
destes olhos meus, e do coraçom.

Ay vertudes de sancta Cecilia  
que sanhudo que se foy hun dia

Rogu'eu sancta Cecilia e nostro senhor

Nunca eu vi melhor ermida nem mais santa (2).

#### De Ayras Paes :

Quer'hir a sancta Maria de Leça  
e, irmanas, treydes migo  
e verrá o namorado

ca sey que ven hi de grado  
a sancta Maria de Leça (3).

#### De Fernam do Lago :

D'ir a sancta Maria do Lagu'ey gram sabor  
et pero non hyrey a lá se ant'i non for,  
irmana, o meu amigo.  
E d'ir a santa Maria do Lago é-mi gram ben,  
Já jurey n'outro dia, quando-me parti  
que non salia'la hermida se ante non foss'i,  
irmana, o meu amigo (4).

(1) Teophilo Braga, *Cancioneiro Portuguez da Vaticana*, Lisboa, 1878, págs. 160 e 161.

(2) Idem, págs. 164 e 165.

(3) Idem, pág. 167.

(4) Idem, pág. 167.

## De Joham de Requeyxo :

Fui eu madr'en romaria  
a Faro com meu amigo

Leda venho da ermida  
e d'esta vez leda serey,  
ca faley com meu amigo

A Far'hun dia hirey, madre, se vos prouguer  
rogar se verria meu amigo que mi ben quer

Mando-vos eu hir a Far'hun dia  
filha fremosa, fazer oraçon

Atender quer'eu mandado  
que m'envyou meu amigo,  
que verrá en romaria  
a Far'e veer-ss'ha migo

que se querria veer migo  
en Far'en sancta Maria (1).

\*

« Nas vigílias, alguns peregrinos rezavam ou liam vidas de santos, conforme recomendava D. Luís Pires. Que os romeiros fizessem a vigília *com toda onestidade e pureza de coração orando rezando ou lendo per livros de sanctas estorias.*

Muitos caminhavam descalços, mesmo pessoas de sangue real. Davam voltas em torno da ermida ou da igreja, de joelhos, *queimavam candeias* e iam *jazer oraçom* junto do santo, como dizem os nossos cancioneiros.

No século xvi, o *Livro de la historia y milagros hechos a invocación de nuestra Señora de Montserrat*, traça-nos um quadro aproximativo das nossas peregrinações medievais: nobres cavaleiros, diz ele, vêm de longes terras, a pé, com grandíssimo trabalho; outros, tanto homens como mulheres, chegam descalços, com feridas ensanguentadas dos ásperos caminhos; outros caminham *desnudos con sola*

---

(1) Theophilo Braga, *Cancioneiro Portuguez da Vaticana*, Lisboa, 1878, págs. 167 e 168.

*camisa, y algunos sin ella*, sofrendo frios e calores; outros sobem as encostas pedregosas do monte, de joelhos; outros carregam aos ombros pesadas barras de ferro; outros atam uma soga ao pescoço ou apertam o corpo com cordas; outros trazem argolas de ferro ao pescoço ou grilhetas nas mãos; outros disciplinam-se até derramar sangue; outros caminham a chorar amargamente, uns de dor e arrependimento outros pedindo a Nossa Senhora que lhes acuda» (1).

Das nossas romarias, das nossas peregrinações, dos votos colectivos, das promessas e penitências do nosso povo, das preces e cantos religiosos das povoações rústicas, de todas estas glorificações poético-emotivas, que harmoniosamente se distinguem, consoante as manifestações que se comemoram ou os objectivos do louvor ou da imploração, de todos estes humanos cortejos da eloquência espiritual ou dos calendários litúrgicos, temos nós, dentro de portas, exemplos grandiosos, que se destacam ordinariamente por itinerários diferentes, à razão dos triunfos e dos prodígios.

*Quem for a S. Tiago  
e não visitar a Senhora da Oliveira,  
não faz romaria verdadeira.*

Aqui temos, pois, neste específico ditado, um itinerário perfeitamente orientador e demarcado das velhas peregrinações. Primeiro Guimarães, a cami-

(1) *Peregrinações e livros de milagres da nossa Idade Média*, por Mário Martins, S. J., pág. 18.

— Muitos iam às romarias por causa das indulgências. Para isso confessavam-se, comungavam e rezavam algumas orações. (Idem, do mesmo livro «Peregrinações», de Mário Martins, pág. 14).

— Havia romeiros que passavam parte da noite a rezar, junto do túmulo ou da imagem do santo, com velas acesas. Daí vinha a expressão: candeias queimar a tal ou tal santo. (Idem, pág. 15).

— As peregrinações envolviam, frequentemente, a ideia de purificação espiritual. (Idem, pág. 63).

— Era uma devoção entranhadamente medieval andar de igreja em igreja, quase ao modo duma via sacra. (Idem, pág. 68).

nho de Compostela. Ponto do primeiro albergue, a quem se dava comida e pousada. Obrigação de visita à Senhora da Oliveira, para alento e protecção da jornada. Uma espécie de mediação entre os horizontes romeiros e refulgentes dos mesmos fenómenos de história aliciadora.

A veneranda capela de Nossa Senhora da Conceição, da freguesia de Azurém, tinha uma piedosa Confraria, instituída nos fins do século XVI, e enriquecida com muitas indulgências, entre as quais sobressai esta: *Item, 60 dias de perdão quando se recolherem pobres e peregrinos, e os soccorerê, q.<sup>do</sup> fizerê pazes.* (1) A confraria de Santa Vera Cruz também tinha uma carta de indulgências, concedida pelo Ordinário de Braga em 27-4-1689: ... *Quem visitar e consolar os enfermos, agasalhar peregrinos e favorecê-los com esmolas, enterrar mortos, encaminhar algum errado pelo caminho da Salvação, por cada uma das sobreditas obras de Misericórdia, Piedade ou caridade, 60 dias de penitência imposta...*

Em Guimarães cresceu bastante, em épocas que já hoje mal se podem perscrutar, o culto a S. Tiago, tendo havido muitas imagens deste Santo em várias freguesias do termo e bastantes capelas, da sua invocação, algumas delas existindo ainda.

Pela nota que a seguir transcrevemos, pode bem avaliar-se do volume e da importância das peregrinações a Santiago:

«*Em sessão de câmara de 22-8-1642 foi acordado com os da governança dar uma pena de água ao Hospital da Misericórdia, da arca que esta atrás da capela de S. Brás. Este acordo foi a requerimento do Provedor e irmãos da Misericórdia, alegando que esta vila era de passagem para S. Tiago da Galiza e S. Gonçalo de Amarante, e também à vila vinham muitos romeiros e doentes a S. Gualter, e assim o hospital tinha falta para os pobres doentes beberem e para limpeza*».

---

(1) Cf. *Peregrinações e livros de milagres da nossa Idade Média*, por Mário Martins, S. J., pág. 12 e segs.

Depois, o contentamento do regresso, na alegria do cantar:

*Saramago verde,  
Verde saramago,  
Esta moda nova  
Veio de Santiago*

«*Santa Maria de Guimarães*, fundação da vila, alteia-se como a nossa primeira fé. Pelo *milagre de Carquere*, aparecendo em sonhos a Egas Moniz, destolheita D. Afonso Henriques, «nascido com as pernas atadas, por trás, uma na outra», pondo-o sádio e valente, um homem:

*tanjam sistros e rabil,  
hoja tanger e folia...*

e insinua-se como limiar e fundamental protectora dos reis e dos portugueses. Ao santuário pequeno e tosco, afluem guerreiros e mesterais. Submissos, os reis conferem privilégios; os descalços voam e semeiam a celebridade e a fama. E então os romeiros descem de suas pousadas e lugares. Entram e ajoelham. A *Senhora da Oliveira*, já aureolada pela imaginativa lendária, é uma fonte de milagres. <sup>(1)</sup> Dá fala aos mudos, vista aos cegos, cura mãos e pés encolhidos, os aleijões disformes, as enfermidades cruéis, desenganadas, tira o demonho do corpo».

A chusma cresce; são ondas negras coalhando a Praça Maior. Sua bondade não se cansa. Ela tem a saúde para o corpo doente e o alívio para a alma do triste.

Vem gente das terras da Maia, de Riba Douro, de Amarante, Paço de Sousa, S. Pedro de Freitas, S. Martinho de Lagares, Valongo, Porto, Vila Real,

---

<sup>(1)</sup> Ver *Memórias Resuscitadas da Antiga Guimarães*, pelo P.º Torquato Peixoto d'Azevedo, capítulo 76. Em que se dá notícia dos milagres que Nosso Senhor tem obrado pela Senhora de Guimarães, pág. 264 e segts. Como este autor não seria um copista seguro e metuculoso, conferir com a cópia integral feita por Mário Martins, S. J., em *O livro dos milagres de Nossa Senhora da Oliveira de Afonso Peres*, separata da «Rev. de Guimarães», vol. LXIII.

«ávanté do Prado», Cabeceiras de Basto, Lamego, S. João de Pesqueira, Arcos, Roças, Santa Maria da Portela, Monte Longo, Tomar e Marialva, Coimbra, etc. Estranhas e alucinadas procissões.

A gangrena e a lepra. A tristeza e a loucura. A dor e a febre. D. João I pretende um templo majestoso, alarga a igreja. É pequena. A massa comprime-se. Mostram-se as maravilhas do tesouro, espanta-se a ingenuidade com as âmbulas do leite de Nossa Senhora:

*... una arqueta in qua sunt due empole in  
quibus est lac beate uirginis ...*

a cruz com os ossos de S. Pedro e S. Paulo, a cabeça santa, remédio certo contra as mordeduras dos cães danados, que sarara o próprio D. João I (1).

Os cônegos amerceavam a clemência dos reis mandando-lhe o manto da Senhora como valioso amuleto.

A D. João V, doente, remete-se também manto e vestido para se embrulhar e sarar. A Senhora da Oliveira é também advogada dos pescadores» (2).

*A Senhora da Oliveira,  
de pequenina tem graça;  
tem bons mantos de virtude  
e a oliveira na praça.*

(1) Com grandíssima devoção se conservam no santuário da real Colegiada da Senhora da Oliveira as relíquias seguintes: O santo lenho da cruz em um relicário de prata dourada com seu resplendor, e pé, que vai em algumas procissões. O relicário que mandou fazer D. João Lobo de Faro, irmão do conde de Odemira, sendo D. Prior da Colegiada. Uma âmbula de cristal com o leite de Nossa Senhora, uma maçaroca da mesma Senhora. Um tornozelo do pé de S. Torcato. As relíquias de S. Sebastião e de Santa Celestina mártir. As de Santa Teodora e S. Dezidério mártires. As de Santa Clemência e Santa Benedicta, mártires. A de S. Pedro mártir, que trouxe de Roma D. Pedro de Sousa, sumilher da cortina de Sua Majestade, e a colocou na Colegiada, sendo prior dela, fazendo-lhe uma solene procissão em 21 de Julho de 1688. É toda a ossada do Santo mártir metida num báu de vidraças caixilhadas em prata. (*Memorias Resuscitadas da Antiga Guimarães*, pelo P.<sup>e</sup> Torquato Peixoto d'Azevedo, pág. 212).

(2) «Revista de Guimarães», vol. XXXIII, pág. 287 e segts., artigo «S. Torquato», por Eduardo d'Almeida.

Entretanto os romeiros da ligeireza dianteira vão chegando, humildes e ofegosos do fadário rezadeiro, com o canto voejante e saudoso das suas xácaras, para alívio dos cansaços caminheiros, entenebrecidos e desmesurados, e segurança e arrimo das suas crenças, oferecendo-se em sacrifícios de dor e amor, filtros reabilitantes e necessários para a dealbação e pureza da alma e castigo do corpo. A oração é cantada ou rezada.

E se a boca se abre, a fé se expande e rebrilha em auréolas de evangelho ou de arraial, quer nas alegrias, nas saudades ou tristezas, quer no trabalho ou nas danças, quer nos derriços ou nas romarias, manifestando liricamente, num renascimento vigoroso de consciência, segredos ou devoções, promessas ou votos de sentimento.

E as confissões do povo, mais aferradas e sinceras, todavia, nos sentimentos da feminilidade, as confidências, os propósitos, a larga flor da sua graça e a gaiatice brincada dos seus olhos, abrem-se com naturalidade, com verdade expressiva, como rezas fluidas à beira dos altares, tão confiadamente como a fé alumiada das encomendações, que o acompanha por todas as longadas ciliciosas onde haja clareiras de amparos promissivos de Deus.

O refrigério das almas, é a luz redentora dos altares. As jornadas fertilizavam a imaginação dos grupos peregrinos.

Este rimance, que nos foi pronunciado por uma velha criada, recorda, pela memória do descritivo, os antigos votos das romeiras.

Venho de longe em romagem,  
À Senhora da Oliveira,  
Sem descanso nem paragem  
E humilde como romeira.  
Trago-lhe as rezas da alma  
E o pouco da minha esmola,  
Promessas de pouca monta  
Do amor que me consola.

Lá do céu, cheia de graças,  
A Senhora me salvou  
De consumidas desgraças  
E de tudo me curou.

E a mais a quantos vejo  
 No seu altar com fervor,  
 A pedir e a rezar  
 À Santa Mãe do Senhor.

Vejo mães e vejo filhas  
 Em segura adoração;  
 Vejo pobres e doentes  
 Em triste amarguração.

Se andam na terra e no mar,  
 Amparo lhe haveis de dar,  
 Como aos reis a santa graça  
 Para vencer e lutar.

Cumprida a minha promessa  
 A romeira vai-se embora,  
 E feliz por ter cá vindo  
 Numa boa e santa hora.

«Muytos chegavão de pee, descalços, sem falla e em jejum; outros vinham de geolhos, com syrios na mão, a rezar orações.»

O culto poético popular mariano, assume um alto significado de beleza e de história.

É quase sempre ao derredor das capelinhas e mosteiros marianos, que a tradição e o folclore religioso mais se avivam de lendas, de romances e de canções, de passo que os ex-votos, os bentinhos e as promessas mais constelam os altares onde as Santas pontificavam pela nobreza e poder das suas virtudes miraculosas

Nossa Senhora é Mãe,  
 Mãe de quem a não tem;  
 Eu como não tenho Mãe,  
 Seja minha Mãe também.

Nossa Senhora pequenina,  
 Tamanhinha dum botão,  
 Que seja tão pequenina  
 Que entre no meu coração.

Nossa Senhora te abrande  
 Essa tua condição;  
 As pedras também abrandam  
 Aquelas que duras são.

Ó minha Nossa Senhora,  
 Senhora meu ai Jesus;  
 No dia em que te não vejo,  
 Nem o sol me dá luz.

Nossa Senhora de Fátima  
É madrinha dos anjinhos,  
Eu também sou afilhada  
Do Senhor de Matosinhos.

Nossa Senhora de Fátima,  
Te rogamos Virgem pura,  
Protegei com todo o amor  
Quem vos ama e vos procura.

Nossa Senhora de Fátima,  
Rogai por nós, oh! Maria,  
Para que nunca nos falte,  
Nosso pão de cada dia.

Nossa Senhora de Fátima,  
Pelo amor dos teus altares,  
Pedimos mais uma vez  
Abençoaí nossos lares.

Nossa Senhora de Fátima,  
Canteiro dum só torrão;  
Ajudai-nos a cantar  
Um hino de gratidão.

Nossa Senhora de Fátima,  
Entoai nossa canção,  
Hino de amor que cantamos  
E de eterna saudação.

Nossa Senhora de Fátima,  
Ao deixar-te, na largada,  
Reza por nós, pede à Virgem  
Por nossa Pátria adorada.

Depois as caminhadas romarieiras, os itinerários percorridos, os santos visitados, as promessas satisfeitas.

Hei-de ir ao Senhor do Monte,  
A cavalo sem cair;  
Quem vai ao Senhor do Monte  
Vai ao céu e torna a vir.

Hei-de ir ao Senhor do Monte,  
Em cabelo, sem chapéu;  
Quem vai ao Senhor do Monte  
Vai ao Paraíso do Céu.

Hei-de ir ao Senhor do Monte,  
Ainda que me leve um mês;  
P'ra poder ver os milagres  
Que o Senhor do Monte fez.

Adeus Senhora do Porto,  
Adeus terreiro também,  
Eu hei-de cá vir p'ro ano  
Ou para o outro que vem.

Adeus Senhora do Porto,  
Adeus terreiro varrido;  
Hei-de lá ir para o ano  
E hei-de levar-te comigo.

Adeus Senhora do Porto,  
Lá me ficou o meu lenço,  
Atadinho pelas pontas  
E com suspiros lá dentro.

Senhora Santa Luzia,  
Do lugar do Freixieiro,  
Dai-me vista aos meus olhos  
Que não vos custa dinheiro.

Ó Senhor de Matosinhos,  
Vinde-me esperar a Leça;  
Eu tenho uma perna curta  
Não posso andar depressa.

As recomendações, os cuidados, os pressentimentos, as incertezas, ajuizam o pensamento em esclarecidas rogativas:

Da minha janela rezo  
À Senhora das Areias,  
Que me guarde o meu amor  
Que anda por terras alheias.

À noite, quando me deito,  
Rezo à Virgem Maria,  
P'ra sonhar em toda a noite  
Com quem penso em todo o dia.

Ó meu amor pede a Deus,  
Que eu peço às almas santas,  
Que nos junte a nós ambinhos  
Já que as lágrimas são tantas.

Loureiro, verde loureiro,  
Loureiro da baga preta;  
Ao que prometo não falto,  
Pede a Deus que eu te prometa.

Minha terra quem me dera,  
Ser humilde lavrador;  
Ter o pão de cada dia,  
Ter a graça do Senhor.

Estamos na Semana Santa,  
Na semana do Senhor;  
Nem se canta, nem se dança,  
Nem se fala p'ro amor.

Vai alta a lua vai alta,  
Mais alto vai o luar;  
Mais alta vai a fortuna  
Que Deus tem para nos dar.

Amanhã é dia santo,  
Dia do Anjo da Guarda;  
Meninas guardai o Santo,  
Que o Santo também vos guarda.

O parentesco sagrado ajusta-se aos sublimes desejos do povo, numa representação obcecante, e é ingénua e líricamente que estabelece uma hierarquia de preceitos genealógicos e de vida ideal.

Jesus Cristo é meu pai,  
S. Francisco meu irmão,  
Os Anjos são meus parentes  
Ó que linda geração.

Minha mãe, minha Senhora,  
Ó minha Virgem Sagrada;  
O pouco com Deus é muito,  
O muito sem Deus é nada.

Chamais amores perfeitos,  
As coisas que a terra cria;  
Amor perfeito há um só,  
Filho da Virgem Maria.

Deus te salve linda moça;  
Eu não sou o Salvador:  
A salvação vem do Céu,  
Mandada pelo Senhor.

Chorai olhos, chorai olhos,  
Que o chorar não é desprezo;  
A Virgem também chorou,  
Quando viu seu Filho preso.

Quando o meu menino dorme,  
Põem-se os Anjos a rir,  
E abrem as portas da Céu  
Para Deus o ver dormir.

Vê-se também em pormenores delicados e amorosos, a cristalização do trabalho divino:

Nossa Senhora faz meia,  
Com fios feitos de luz:  
O novelo é a lua cheia,  
As meias são p'ra Jesus. (1)

A Virgem Nossa Senhora  
Tem um filho serrador  
Para serrar a madeira  
Para o altar do Senhor.

Dizem que Nossa Senhora  
É moleira duma aldeia;  
Moi as estrelas da aurora  
Com o luar da lua cheia.

Para que possamos avaliar bem as tendências religiosas do nosso povo, quanto ao significado particular das suas tradições e devoções, louvores e votos de promessa e penitência, não há como focar especialmente a região, a paisagem, os costumes, a psicologia e a vida apaixonada e social de cada agregado, na correnteza de tudo o que ele nos apresenta de ideal comum ou historiadamente nos revele.

Para tanto, bastará colher na seara caprichosa e especiosa das fertilidades geórgicas do nosso povo, as expressões maravilhosamente originais das suas cantigas simples.

É o melhor contacto com o ambiente, com o clima, com as tradições, com a natureza, com os santos patronos e titulares de cada localidade, nas alternadas subtilezas do temporal e do espiritual, só através da elegância, da frescura e do colorido folclórico se pode obter. É sempre viva, natural e verdadeira, a manifestação espontânea de todas as expressões que abundantemente nos transmite o fol-

---

(1) Esta quadra está largamente popularizada. É seu autor o grande poeta António Nobre.

clore. Todos os pormenores ali se reanimam, pelo ritmo coordenado das confissões contemplativas, descritivas e naturalistas, entre a aproximação dos usos serviceiros e a verdade rotineira dos factos e das práticas de trânsito habitual.

Por isso é que nós damos certo relevo de importância aos Cancioneiros bem ordenados, pois eles retratam, psicológica e etnologicamente, tudo o que de característico e de comum entra no valor dos homens e no sentimento dos costumes, na representação supersticiosa e qualidades raciais e étnicas da sua capacidade de trabalho, de invenção e de preferência, porque entre o temporal e o espiritual, o objectivo e o subjectivo das suas tendências, necessidades, vontades e propósitos, nos descrevem, em diferentes modalidades afectivas ou zombeteiras, todas as relações que vão do descritivo panorâmico aos gostos colectivos e aspectos particulares. São os Cancioneiros, a síntese mais perfeita e gradual dos pensamentos e das manifestações espirituais de quem na mais ansiada arduosidade caminha pelos estrepes do sacrifício, do trabalho e das consumições, trilhos deste mundo, entangidos de bruxas e de encruzilhadas, alminhas e cruzes pelos deslados, lembrando a oração, a esmola, a morte enfim, pedestal eterno de toda a verdadeira história desta vida.

Nas canções tópicas, vemos todo o panorama da geografia regional e humana, todos os aspectos fisionómicos e coscuvilheiros das ruas, todo o emblema cismador das tendências apaixonantes, todo o crismado das afoitas irreverências e graciosidades; nas canções de amor, de adeus, e de saudade, toda a gama florescente da tristeza e da alegria.

Principiemos então pelo carácter preliminar das cantigas tópicas de Guimarães, para saltarmos depois, às mais expressivas da religiosidade folclórica, onde se manifestam as tendências preferidas, entre outras, de amor a Nossa Senhora da Oliveira, Mãe e Padroeira dos vimaranenses, Madrinha acrisolada dos desprotegidos e Protectora dos soldados e navegantes:

Os fundamentos históricos de Guimarães, pelo menos pela sua viva representação, são o Castelo e o Mosteiro.

As velhas ruas e largos entram nos temas preferidos pelo povo em precipitadas repetições, pois são os descantes mais elementares à compreensão do seu amor pela terra, quase sempre principiados pela expressão *adeus*, que corresponde ao *oh!* admirativo.

Muitas quadras revelam uma gradativa variável de mestiçagem, implantada pela influência obreira de trabalhadores e criadagem, recrutados doutras Províncias.

Algumas têm raízes e vergôntees de originalidade, pertencem à superfície das lavras caseiras e rebentam com o apendoar das nascenças.

Outras, pela facilidade da improvisação popular, são abundante e largamente apropriadas aos costumes e tradições de cada localidade, bastando mudar, para tanto, o nome da terra, dos lugares, das coisas e dos santos. Ajustam-se à enxertia de todos os garfos híbridos, e às práticas comunicativas de todas as regiões.

Permanecem, todavia, a estrutura e a ideia, embora alteradas as imagens e os motivos.

Notamos, porém, que toda esta correspondência de alterações amostra uma riqueza de espírito cultivado, a par doutra riqueza hagiológica e topográfica, que aumentando os elementos e a profundidade dos Cancioneiros populares, são riquezas que estabelecem, pela abundância, no seio das espécies, um derrame inesgotável de comparações. Estas comparações e o carácter particular da execução das quadras, podem levar os cientistas a compreensões apreciáveis dentro da cultura geral dos Cancioneiros, pois os juízos dilatadamente fecundos ainda não estão abertamente classificados, quanto às origens da dimanação criadora das canções e romanceiros e cursos transmutáveis dos mesmos, que sofrem e se alteram pela influência sobrevivente dos climas e índoles peculiares de cada região. Estas influências já nos deram uma série pujante de variedades musicológicas, linguísticas e sociológicas.

O que temos observado é que, quase na generalidade, é difícil classificar as características de certas quadras populares, e saber, especificadamente, como nasceram, onde nasceram, onde se firmaram e onde se adulteraram. Na maioria são comuns.

Pertencem, não a esta ou àquela Província.  
São e fazem parte do Cancioneiro Geral.

Como não curamos, em especial, de representar, em profunda elaboração, um estudo comparativo e exemplificativo deste ramo importantíssimo do folclore, passemos despreziosamente o nosso rosário de amor popular à terra de Guimarães, berço de Santa Maria.

1

Cidade de Guimarães,  
Quatro vilas em redor:  
Vila Boa, Vila Verde,  
Vila Pouca, Vila Flor.

2

Se fores a Guimarães,  
Diz a canção popular:  
tem cautela com as canelas,  
Não as deixes lá ficar.

3

Grandes cadeias tu tens,  
Castelo de Guimarães;  
Onde D. Afonso prendeu  
Os braços à sua mãe.

4

Cidade de Guimarães,  
És pequena mas tens graça;  
Tens no meio D. Afonso  
Que encanta quem por lá passa.

5

Adeus, adeus, Guimarães,  
Terra de tanta nobreza;  
Orgulhai-vos Guimarães,  
De teres tanta riqueza.

6

Guimarães é boa terra,  
Mas falta-lhe a boa gente;  
O Porto é que leva o ramo,  
Porque o tem levado sempre.

7

Chamais a Braga cidade?  
Guimarães dá-lhe no rosto;  
Braga para ser cidade,  
Há-de ser como a do Porto (1)

8

Guimarães é boa terra,  
Dá de comer a quem passa;  
Tem a fonte num retiro,  
Santa Maria na Praça (2).

9

Guimarães é boa terra,  
Dá de comer a quem passa;  
Quem tiver dinheiro come,  
Que nada não dão de graça (3)

10

Guimarães, terra briosa,  
Berço da Pátria amada;  
Onde os meus olhos te velam  
Ao romper da madrugada.

(1) *Cancioneiro Minhoto* — I — por José da Silva Vieira, pág. 49.

(2) Comum a vários Concelhos, com a alteração dos nomes.

(3) Igualmente comum a vários Concelhos, onde por vezes se notam curiosas modalidades:

A sua terra é a Régua,  
Dá de comer a quem passa;  
A quem não levar dinheiro,  
Nem água lhe dão de graça.

11

Cidade de Guimarães,  
Lugar de murmuração;  
Eu quando por ela passo,  
Pego nos socos na mão.

12

Cidade de Guimarães,  
Quem te passeia tem fama;  
Quem te passeia de noite,  
Melhor 'stivesse na cama.

13

Cidade de Guimarães,  
Cercada de lampiões;  
Raparigas como cravos  
Rapazes como botões.

14

Adeus, adeus, Guimarães,  
És pequena, não tens medo;  
Ao romper da bela aurora,  
Canta o cuco muito cedo.

15

Em Lisboa fui nascida.  
No Porto fui baptizada,  
Em Braga tomei amores,  
Em Guimarães fui casada (1).

16

Eu tenho na minha caixa  
Um raminho de *mações*,  
Que me trouxe o meu amor  
Dos lados de Guimarães (2)

17

Oh! Guimarães, Guimarães,  
Ao longe pareces vila;  
Tens um cravo na entrada  
E uma rosa na saída.

18

Cidade de Guimarães,  
Hei-de-te mandar dourar,  
De pedrinhas miudinhas  
P'ra o meu amor passear.

19

Cidade de Guimarães,  
Hei-de-te mandar varrer,  
Com uma vassoura de prata  
Ou de ouro se poder ser.

20

Cidade de Guimarães,  
Onde a água sobe e desce;  
Tenho lá os meus amores,  
Não q'ria que se soubesse.

21

Oh! Guimarães, Guimarães,  
Ninguém te quer mais do que eu;  
Basta tu seres o centro  
Onde o meu amor nasceu.

22

Oh! Guimarães, Guimarães,  
Terra de tanto querer;  
Onde os meus olhos te velam  
E não te podem esquecer.

Agora entremos, levados pelo sentido querendo e pitoresco do povo, na comunalidade social das ruas e largos de Guimarães, e escutemos, no enlçamento costumeiro e imitativo das referências

(1) «Douro-Litoral», fasc. I, 1940, pág. 76.

(2) «Douro-Litoral».

simbólicas, e jeitinho da sua inspirada doçura de afeição, as canções ingênuas, que traduzem todas as vontades e todas as confissões da sua liberalidade expansiva, querendo fazer tudo, para só desejar viver simples e modestamente no amor às coisas, aos lugares, à terra e a todo o achego caseiro abrangido pela luz meiga e rolante das meninas dos seus olhos.

23

P'ra ver Guimarães subia  
À Penha a todas as horas,  
Para ver se descobria  
A casinha onde tu moras.

24

O largo de São Tiago,  
De pequenino tem graça;  
Tem uma fonte no meio,  
Dá de beber a quem passa.

25

Largo do Campo da Feira,  
Logradouro assim não há;  
Todas as moças bonitas  
Vão passear para lá.

26

Adeus largo do Oliveira,  
Botequim da águardente;  
Adeus jardim do Toural,  
Recreio de tanta gente.

27

Eu hei-de ir ao Cavalinho,  
Eu hei-de ir p'ra lá morar;  
P'ra ver a linha de ferro  
E o combóio a apitar.

28

Hei-de assear o Toural,  
Com vara e meia de fita;  
À porta do meu amor,  
Ficará a mais bonita.

29

Há uma rua em Guimarães,  
Que para mim tem valor;  
É a rua de S. Dâmaso,  
Onde mora o meu amor.

30

As moças da Caldeiroa,  
São muitas, mas são babosas;  
E as moças de S. Dâmaso  
São poucas, mas são formosas;

31

Rua Nova do Comércio,  
Já não és dos sapateiros;  
É's uma rua fechada  
De galuchos e vendeiros.

32

A rua de D. João,  
Muita gente sobe e desce;  
Uns dizem que ela é feia,  
A outros só bem lhe parece.

33

O largo das Dominicas,  
Tem um lampião de bronze,  
Onde passa o meu amor,  
Das dez horas para as onze.

34

Gil Vicente é rua triste,  
O Toural é mais alegre;  
Vou pedir ao meu amor  
Que p'ro Toural me leve.

35

Ó estrada da Avenida,  
Cercada de lampiões;  
Onde pára a gandulagem,  
Com as botas sem tacões.

36

Reparai que Guimarães,  
Tem combóio a vapor;  
Que fará quando tiver,  
Para a Penha elevador.

37

Ó rua de Santa Cruz,  
Tu que tens mais que a minha?  
O que te vale é a brancura,  
Da risonha capelinha.

38

Guimarães já tem cadeia,  
Não precisas de a ter;  
Os *maiores* (1) andam cá fora,  
E quem quer os pode ver.

39

Nunca vi em Guimarães,  
O tronco do pelourinho;  
Nunca vi correr ninguém,  
Com pregão e baracinho.

40

Quando ia ao conventinho, (2)  
Por detrás de S. Crispim,  
Ia lá comprar as hóstias  
Para ti e para mim.

41

Campo da Feira veludo,  
Trás-do-Muro tafetá;  
Adeus rua de S. Dâmaso,  
Onde o meu amor está.

42

Cemitério da Atouguia,  
De longe metes terror;  
Já me fugiu a alegria  
Já lá tenho o meu amor.

43

Cemitério da Atouguia,  
És um altar que venero;  
Sofro a dor de quem perdi,  
Nada mais do mundo quero.

44

Quando for para a Atouguia,  
Quero campa junto à tua,  
P'ra levar na mesma terra  
A vida da nossa rua.

45

Quando eu assentei praça  
No vinte de infantaria,  
Cortaram-me os meus cabelos,  
Lá foi a minha alegria.

46

Na rua de Santo António,  
Mais acima um bocadinho,  
É que eu tenho e não nego  
O meu querido amorzinho.

(1) Estes *maiores*, seriam aqueles que andavam à solta e bem precisariam também de estar a ferros. Mordacidade de todos os tempos.

(2) Recolhimento do Anjo, ou das beatas do chapéu, demolido depois da implantação da República, onde se vendiam aparas de hóstias, maná apreciável dos rapazes e raparigas daqueles tempos. Cinco ou dez réis de aparas de hóstias, era uma fartura de alegria, que deixava a barriga em vão, mas consolada. Os rapazes até *faziam missas*, para engulir consoladamente aquelas mealhas branquinhas.

47

Andais mortos por saber,  
Onde mora o meu amor;  
Mora no Campo da Feira,  
Viradinho p'ro Senhor.

49

Já não há mães que criem,  
Uma filha para artistas;  
Elas vão para o Tóral  
P'ros cartolas fazer fitas!

51

Se fores ao Salgueiral,  
Senta-te lá numa pedra;  
Tenho pena, choro muito,  
P'los amores da minha terra.

53

A mulher que capa os homens,  
Mora no Campo da Feira;  
Fugi homens e rapazes,  
Que aí vem a capadeira.

55

Andais mortos por saber,  
Quem é o meu namorado;  
Chegai à rua de Couros,  
Perguntai pelo Cambado.

57

Tem marreca e duas caras  
Todas cheias de sinais;  
Só de noite é que o vedes  
De mistura com os cães.

59

O Abade de Bogalhós,  
Quer jogar as bugalhinhas...  
Quer deixar a residência?  
Ora toma Mariquinhas!

48

Nossa Senhora da Guia,  
Que tantos milagres fazes!  
De mal com o meu amor,  
Ajeitai as nossas pazes.

50

As moças de S. Lourenço,  
São como o barro da eira;  
São apalpadas dos homens,  
Como os figos na figueira. (1)

52

Se fores ao Salgueiral,  
Senta-te lá num peão;  
Tenho pena, choro muito,  
P'los amores do coração.

54

Lá para a rua de gatos,  
Mora a minha namorada;  
Já lhe disse p'ra mudar,  
De rua tão 'scomungada.

56

É aleijado das pernas,  
Das costas acorcovado,  
Da cabeça um tinho  
Dos olhos arremelado. (2)

58

Cidade de Guimarães,  
Tens barraquinhas de lona;  
Na noite de S. Gualter  
Anda tudo numa fona (3)

60

O Abade de Bogalhós  
Joga agora as bugalhinhas...  
Quer ser Deputado?  
Ora toma Mariquinhas.

(1) Freguesia de S. Lourenço de Selho, nos subúrbios de Guimarães.

(2) Ver variantes nas *Tradições Pop. de S.to Tirso*, por A. C. Pires de Lima, pág. 76

(3) Referente à grande animação da feira de S. Gualter, que se promove por ocasião das festas da cidade ou Gualterianas

61

O Abade de Tagilde,  
Com a cartola a reluzir,  
Andava a esmolar os votos  
Como um pobre de pedir. .(1)

62

Anda ver se a minha terra  
Parece vila ou quintal;  
E depois tu me dirás  
Se te cheira bem ou mal. (2)

63

Se tu visses o que eu vi,  
Nas ruas de Guimarães!...  
Uma cadela com pitos,  
Uma galinha com cães.

64

Se tu visses o que eu vi,  
À vinda de Guimarães!...  
Um barbeiro de joelhos  
A fazer a barba aos cães.

65

Relógio da Oliveira,  
Já te não ouço dar horas;  
Quem me dera adivinhar  
Meu amor, a quem namoras (3)

66

O sininho da garrida,  
Não se ouve repicar;  
E tantos santos e santas  
Guimarães tem p'ra adorar!

67

Santo António dos Olivais,  
Filhote de Guimarães;  
Livrai-me das feiticeiras  
Que me mordem como cães (4).

68

Ó meu S. João de Braga,  
Vinde cá p'ra Guimarães,  
Que eu dou-vos da minha casa,  
Meia duzia de *maçãs* (5).

(1) Sátiras políticas referentes às bugalhinhas dos votos, em que um dia se viu envolvido o Abade de Tagilde, João Gomes de Oliveira Guimarães. (Ver pág. 652 do vol. LXIII da «Rev. de Guimarães».) Estas quadras são atribuídas ao adversário político Eduardo Manuel de Almeida.

No *Cancioneiro de S. Simão de Novais*, primeira parte, 1923, por Fernando de Castro Pires de Lima, a pág. 23, vem a seguinte quadra:

O padre João das Bogalhas,  
Parente das bugalhinhas,  
queria ser *devotado*:  
Isso... toma Mariquinhas!

Adaptação abortiva.

(2) Colhida num antigo periódico da terra. O cheiro a que se refere deve aludir à indústria de curtimenta da Rua de Couros.

(3) «Imparcial» de 1904.

(4) *Cancioneiro Minhoto*, por Silva Vieira, pág. 91. Aparece nesta quadra o nome de Guimarães, para efeito da rima, como em casos análogos acontece e se verifica.

(5) *Opusculos*, vol. II, por J. L. V., pág. 225. Deve corresponder ao mesmo caso da rima.

69

Ó moças vamos ao vira,  
Dancem pais e dancem mães;  
Eu já vi dançar o vira  
Aos velhos de Guimarães.

70

Que quereis ao S. João  
Que por ele perguntais?  
Esperai-o na Falperra  
À vinda de Guimarães.

71

As moças de Santa Luzia,  
São firmes como o arado ;  
Não há moços que as verguem  
Nem que seja o mais pintado.

72

Guimarães, oh! Guimarães,  
As costas te estou voltando ;  
As saídas bem as vejo,  
As entradas não sei quando.

73

Adeus, adeus, Guimarães,  
Levo-te no coração ;  
Se algum dia te ofendi,  
Hoje te peço perdão.

74

Adeus, adeus, Guimarães,  
Levo saudades e dores ;  
Adeus, adeus, Guimarães,  
Ó terra dos meus amores.

75

Guimarães, terra de encantos,  
Terra de tanto prazer ;  
Adeus, adeus, Guimarães,  
Adeuzinho até mais ver.

76

Adeus, ó Caldas das Taipas,  
Adeus, ó fonte da bica ;  
A saúde vai na mesma,  
O dinheiro cá me fica.

77

Mocinhas de Guimarães,  
Que há-de ser de vós agora !  
Os paisanos não vos querem,  
Os tropas foram-se embora.

78

Mocinhas de Guimarães,  
Rebatidas ao balcão :  
As barrigas vão crescendo  
E os *três-vintens* lá se vão.

79

Cidade de Guimarães,  
Breve te estou a deixar ;  
Vou-me mudar para a Penha,  
Pois sofro da falta de ar.

## Nossa Senhora da Oliveira. Guimarães e Santa Maria.

As tradições manifestamente expressas e aceites pela cortesia da igreja, revestem-se de um atestado de concordâncias e de um estrelamento angélico de graças de



*Nossa Senhora da Oliveira*

de difícil desvirtuação, sucessivamente transmitidas pelo correr dos séculos, como pura doutrina de amor e verdade, aos sentimentos e emoções de todos quantos, sem intentos de reserva e de dúvida e propósitos de desvendar mistérios, procuram iluminar a alma.

Quando não se possa beber nas fontes históricas, não custa aprovar as origens tradicionais, instituídas e regidas de boamente, pela ciência deliciosa da ternura. Temos que nos equilibrar nos raciocínios orienta-

dores e bem formados, com aquela obediente respeitabilidade pelas leis primeiras, que regem toda a formação divina, da divina crença.

O povo reflete na simplicidade e aceita as correntes narradoras dos sucessos de maravilha.

Aos críticos eminentes da história da igreja, apresenta-se uma tarefa nem sempre bem clara e anotada, sobretudo quanto aos itinerários e signos da cruzada dos príncipes apostólicos. Ressaltam vestígios, mas os caminhos por vezes se confundem e emaranham.

Se os séculos formaram o íman das lendas religiosas, muitas das quais sempre rejuvenescidas pela consolação e ternura que espalham, destruí-las é abalar as convicções e desprestigiar os costumes, embora algumas dessas lendas, por certo, não sejam argumento seguro para tecer os feitos e atributos de tantos piedosos relatos. Mas se, substancialmente se pretende fazer história, dando-lhe existência real, há que prescindir delas, por completo, segundo opinião dos doutrinadores da sapiência.

Isto vem à lembrança, e tão vacilante é o jogo dos raciocínios, por se saber, ou não saber, pelos textos, se S. Tiago percorreu as nossas paragens, com as pregações do Divino Mestre, na sua vitória agraciada de honras tantas e tamanhas por todos os rodeios das terras da Bracara Augusta.

López Ferreiro, na sua monumental *Historia de la Santa Iglesia de Santiago*, quase que o afirma, porém muitos o duvidam.

O assunto, alcançados os caminhos de certos mistérios, daria estradas largas de erudição para robustos mestres. E teremos de ficar por aqui. Segundo os monógrafos locais, lendariamente a nossa terra tem vivido na convicção de que S. Tiago por aqui andou, embora pretensamente e de há muito, se venha refutando (1).

Lendariamente ou historicamente, até onde chegarão os termos da tradição ou da verdade? Negar ou afirmar, pela falheira de monumentos escritos, são distâncias mal apercebidas por entre caminhos nebulosos.

---

(1) Já focamos desenvolvidamente este assunto num modesto trabalho que publicamos em 1933 — *Influência de S. Tiago da Galiza em Portugal*.

— Braga, apoyándose en inmerorial tradición, vindicada por el clarísimo Flórez, se ufana de haber allí el hijo de Zebedeo constituido por Obispo á otro discípulo, á Pedro, el cual padeció martirio en Rates, al occidente de Braga, entre los rios Cávado y Dave; y que el Apóstol verosíblemente rodeó la Península, siguiendo los famosos caminos romanos de Itálica, Mérida, Coimbra y Braga, Iria y Lugo, Astorga y Palencia, Osma, Numancia y Zaragoza. (*Historia de la Santa A. M. Iglesia de Santiago*, por López Ferreira, tomo I, pág. 40).

A tradição diz que andou; os consagrados cronistas dizem que não. Nós, nem negamos, nem afirmamos (1).

Sòmente, e porque ao nosso espírito pretendemos salvaguardar os bons intentos de servir pela verdade a nossa terra, sobre este particular deixaremos falar um mestre da história vimaranense, que foi um padre erudito, de afervorada crença e génio avivado de meditação perspícaz.

Este padre, de créditos largos no labor exaustivo da investigação histórica, numa evidente relação de muitos assuntos locais, consciencioso homem de estudo e integrado na diplomática medieval, com múltiplas aptidões e uma acuidade profunda em todos os arrumos cientificamente sistematizados, conhecendo os melhores e mais valiosos documentos das origens estruturais de Guimarães, escreveu um dia um dos mais preciosos livros da sua canseirosa laboração mental. De suavidade amorosa, impregnado de pura religiosidade, esse livro refulgente de estrelas marianas, embora não revele nem importe, um fecundo documentário de erudição, de batalha e ruminância intelectual, mostra-nos o dadivoso concurso da sua inteligência, numa convicção de amor à sua terra, através duma romagem peregrina, humilde e penitente, por todas as freguesias do nosso Concelho, investigando no retempero do passado, à face dos documentos paroquiais, tudo quanto dizia respeito ao Culto de Nossa Senhora.

É, inegavelmente, um livro muito afectivo e original, de utilíssima história igrejária, de achegas locais, onde se colhem proveitosos elementos irmandadeiros, a par de muitas homenagens de rústicas

---

(1) «Na Praça de Guimarães se vê hoje um Templo, dedicado ao Patrão das Hespanhas, que antigamente foi Colegiada.

Este se unio a outro mais insigne da Senhora da Oliveira, ficando o seu Abade Mestre-Escola, que ainda hoje tem o título de Abade de Santiago.» (Ver palavra Abbade, no *Elucidário*, de Viterbo, vol. 1, pág. 31). Convém esclarecer que os R. dos Mestres-Escola eram os Abades da capela de S. Tiago da Praça, e daí lhes vinha o título de *Abades de S. Tiago*, tendo direito aos foros e rendas que costumavam pagar à dita capela.

usanças, e de muitas tradições processionais e costumesiras. É como que um relicário, um voto de promessa, um sentido preto da sua alma cristã, uma lição do seu apostolado, caminhando e estudando, para nos legar um devocionário de todas as Santas Senhoras que se veneram por esse Concelho em fora, à sombra de todas as piedosas instituições de existência cultural.

É uma obra do coração, e por isso mesmo enaltecida de todos os direitos de verdade, mais do que da inteligência, acrisolado trabalho de orquestração religiosa e celiflua, mas historicamente perfeito quanto aos fundamentos originários das festividades, das irmandades, da regência dos legados, dos compromissos, dos instituidores e dos inventários.

Neste livro querençoso, de perfumada satisfação espiritual, que se chama iluminadamente *Guimarães e Santa Maria*, publicado em 1904, o seu autor, P.<sup>e</sup> João Gomes de Oliveira Guimarães, cingindo-se exclusivamente à estrutura religiosa, isto é, tratando com rigor e elevação do culto de Nossa Senhora, sem misturar, o que não ficaria mal, o complemento folclórico e etnográfico, que anda popularmente ligado a todas as particularidades e assuntos religiosos de exteriorização, fez o consagrado autor, no intróito do volume, uma história sucinta do culto de Nossa Senhora no Concelho de Guimarães. Embora nele derrube, ou pretenda derrubar, alguma coisa de tradicional ou lendário, que não vamos agora discutir, pois a modalidade do nosso humilde trabalho é simplesmente sob o génio folclórico-religioso, a essência do seu fulgurante pensamento fica altamente aclarada, sobejamente documentada e historicamente firmada num culto que vem dos primórdios da Nacionalidade. E os fundamentos da Nacionalidade estão em Guimarães, com bases firmes, no Mosteiro de Nossa Senhora da Oliveira.

Mas vejamos alguns passos da sua lição histórica:

« Nasceu com a Igreja a devoção à Santíssima Virgem. Os Apóstolos, primeiros propagadores do Evangelho, levaram até aos últimos confins da terra com o nome do divino Mestre o de Maria, Mãe de Jesus. Um é inseparável do outro.

Embora a história não designe as terras que o Apóstolo S. Tiago percorreu antes de sofrer o martírio em Jerusalém, e por isso não seja ponto indiscutível a sua pregação na península hispânica, é todavia certo que o Evangelho foi aqui anunciado desde o princípio do século 1.

Uma tradição respeitável, conservada através dos séculos, rememorada por antigos historiadores, vai encontrar a essa época remotíssima os primeiros traços do desenvolvimento, que nos séculos posteriores atingiu nas terras vimaranenses o culto de Santa Maria.

Fosse ou não transformado por S. Tiago ou S. Pedro de Rates, em igreja cristã o pretendido templo de Ceres; fosse ou não colocada nesta uma imagem de Santa Maria, o que é certo, — e esta mesma diversidade de pareceres comprova o facto que se quer explicar, — é que nas primeiras auras do Evangelho em terras calaicas se implantou e infiltrou no coração dos vimaranenses o amor terrnissimo para com aquela que, depois de Deus, é toda a nossa vida, doçura e esperança.

.....

A monografia, que ora publicamos em comemoração do quinquagésimo aniversário da definição dogmática da Imaculada Conceição, mistério celebrado solenemente na Igreja vimaranense há perto de seis séculos, recolhe os documentos que patenteiam o desenvolvimento do culto de Nossa Senhora no alfoz, que o Concelho de Guimarães actualmente abrange.

.....

Guimarães foi uma das primeiras terras portuguesas onde se solenizou pública e festivamente a Imaculada Conceição de Maria. A prioridade, parece, pertence a Coimbra, onde o bispo D. Raimundo a instituiu em Outubro de 1320.

Nove anos depois, 1329, é esta festa celebrada pela primeira vez na igreja de Santa Maria de Guimarães.

Deve-se a instituição desta festividade ao bispo de Lamego, D. Rodrigo Peres, que antes fora D. Prior

da Colegiada, o qual, por um contrato celebrado com o Cabido em 22 de Outubro de 1329, a estabeleceu.

O documento inédito, cuja cópia autêntica existe no Arquivo da Colegiada, deverá conservar-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.»

Deixemos agora toda a documentação das festividades instituídas a Maria Santíssima, e escutemos os louvores da gente humilde.

Integremo-nos, porém, neste ingênuo e modesto itinerário de devoção:

O sábado é considerado pelo povo dia de Nossa Senhora. Quem morrer neste dia, irá direitinho para o Céu.

A segunda-feira é consagrada às almas, pelas missas e rezas do povo. Segunda-feira das almas.

O calendário do povo é poeticamente mais completo.

Sábado da Mãe de Deus,  
Domingo de Nosso Senhor,  
Segunda-feira das almas  
E a terça do meu amor.

Aos nossos ouvidos voltam a acudir os louvores a Nossa Senhora, tão respeitosa quão engalhosos de travessura moça:

1

Ó Senhora da Oliveira,  
Ó minha Santa Madrinha,  
Tantas promessas te faço  
Como à Santa da Lapinha.

2

A Senhora da Oliveira,  
Tem um manto de c'rapinha,  
Que lhe mandou de presente,  
A Senhora da Lapinha.

3

A Senhora da Oliveira,  
Mandou-me agora chamar:  
Que tinha um manto roto,  
Se lh'o ia arremendar!

4

A Senhora da Oliveira,  
Diz que me há-de dar um dote;  
Se m'o há-de dar em vida,  
Dê-mo na hora da morte (1).

(1) É igualmente aplicada a muitos Santos. Ver *Cancões populares da Beira*, por Pedro Fernandes Tomás, pág. 213.

5

A Senhora da Oliveira,  
Tem uma rica meada,  
Que daria a volta à vila,  
Sem lhe vir a faltar nada.

6

À Senhora da Oliveira,  
Prometi festa e sermão,  
Se andasse pelo Brasil  
Guiado por sua mão.

7

Senhora da Oliveira,  
Livrai o meu namorado,  
Que me vai deixar sozinha  
Vai p'ra vida de soldado (1).

8

Senhora da Oliveira,  
Senhora tão pequenina,  
Comadre de minha mãe,  
Senhora minha madrinha (2).

9

A Senhora da Oliveira,  
Tem uma lança na mão;  
P'ra matar a Braga velha  
Que foi falsa à Nação.

10

Igreja de Santa Maria,  
Feita de pedra morena;  
Dentro dela estão à missa  
Dois olhos que me dão pena.

Nossa Senhora, é Mãe, Madrinha, Conselheira e Protectora.

Quando há uns 45 ou 50 anos, um tal Lima, ladrão incorrigível, tinha de seguir para a penitenciária, compôs, da sua lavra, porque tinha jeitos poéticos e fadistas, um fado de despedida, que foi o fado favorito de todos os meliantes e noctívagos da época, e principiava deste modo:

Adeus, Senhora da Oliveira,  
Senhora minha madrinha,  
Madrinha de minha mãe  
E de minha avozinha.

Adeus Guimarães querido,  
só tu me deixas paixão:  
com penas no coração  
me despeço com canseira.

Adeus Largo da Oliveira,  
adeus Rua de D. João,  
adeus cadeia prisão  
onde eu estive metido.

(1) É igualmente aplicada a muitos Santos.

(2) Idem.

Muito estou arrependido  
em as grades ter cortado;  
meu crime vai ser dobrado,  
adeus Guimarães querido.

Se o meu crime é já sabido,  
adeus café do Baptista, (1)  
e mais borguinhas de noite  
adeuzinho até à vista.

E agora para findar,  
este adeus do coração:  
por tudo que vou sofrer,  
a todos peço perdão.

Adeus Rua da Caldeira,  
adeus Praça de S. Tiago  
onde eu gastava o meu dinheiro;  
adeus taberna do Ribeiro, (2)  
tu de mim estás desprezado...  
Adeus Largo do Ourado,  
as paixões são só p'ra mim,  
adeus Travessa de S. Crispim  
onde estão moças da vida;  
vou dar a minha *espedida*,  
e dizê-la num instante:  
Adeus Largo do Infante (3)  
onde eu ia espairecer,  
adeus minha querida amante  
não te torno mais a ver:  
zêlo nesta ocasião  
só o café do Firmino,  
adeus rapaziada toda,  
eu cá vou p'ró Cavalinho (4).

Nas aparatosas e fulgurantes procissões que  
pelos séculos XVII e XVIII se faziam em honra de  
Nossa Senhora da Oliveira, (5) numa variedade de

(1) Era no Largo da Misericórdia, hoje Largo de João Franco, em frente à cadeia velha.

(2) Ficava na Praça de S. Tiago, esquina para a Rua do Gravador Molarinho.

(3) Assim era conhecido o Largo da feira do pão, antigo Largo de D. Afonso Henriques, hoje Largo 28 de Maio.

(4) Lugar onde fica a estação do caminho de ferro.

(5) Desde 1702 em diante, nas procissões, a velhinha imagem da Senhora da Oliveira ia numa riquíssima charola de prata, que tinha sido executada no Porto por 2.152\$365 réis.

culto pomposo entre o cristão e o profano, entravam as exteriorizações mais complicadas pela tolerância dos costumes, embora em muitos casos, esses observados e arraigados costumes, entrassem nos clássicos e tradicionais imperativos do voto, da oferta <sup>(1)</sup>, da penitência, da posse, da obrigação dos mesteres, tudo em louvor da romaria, da piedade, da devoção, da procissão, sem que se possa descrever, totalmente, pela natureza exótica e estrepitosa dos actos piedosos em público movimento, dos sentimentos respeitosos de quem se manifestava mais libèrrimamente ao sabor da época e das usanças.

Sobretudo nas procissões da Senhora da Oliveira, eram quase que frequentes as danças dos *romeiros*, o que anotamos serem de certa significação, independentemente das outras folias, que tinham todo o carácter medievalista, mas nas dos *romeiros* havia como que o voto consagrado, em acto festivo, das penitentes romagens de devoção e promessa, pelo menos no simbolismo alegórico de presença, mais tarde representadas pelos cantados serões das romeirinhas, a que no final deste trabalho faremos referência.

Daremos uma simples amostra, para não alongarmos este pormenor, demais porque em toda a parte e quase que com as mesmas características, estas e muitas outras exteriorizações se realizavam.

Pelas contas se aperceberá melhor dos movimentos, dos acompanhamentos e dos actos de tão simbólicas e poéticas liberalidades, eivadas de um muçulmanismo peregrino.

Nas alácres e bizarras procissões do Corpo de Deus e sobretudo nas da Senhora da Oliveira, mais festivamente pomposas na gaiterice das folias, dos carros e dos figurantes, entravam: *em 1707* — danças das matronas e dos instrumentos, que ambas as fez Manuel da Costa, da rua de Gatos, 30\$000 rs; dança dos romeiros, 8\$000; folia dos negros, 13\$000 rs; música 6\$800 rs; com as charamelas de assistir ao

---

(1) Com uma folia, que foi de rogo na procissão, 500 réis.

fogo, 1\$500 rs; com uma gaita de foles, véspera e dia de festa, 1\$200 rs.

*Em 1717* — com Manuel Cardoso, que deu a folia preta, 15\$000; com João Fernandes Pégada, que deu três danças, a saber: dos instrumentos, da morte e galegos, 21\$480 rs; com três gaitas de foles, 3\$600 rs.

*Em 1726* — ao armador, por vestir os gigantes e por vestir os carros, 3\$400 rs; fogo, 36\$000 rs; folia preta, 19\$200 rs; um baile, 3\$840 rs; músicos, para o dito baile, 12\$000 rs; sapatos de homem e de mulher, meias, para o dito baile; com quem vestiu o baile, 6\$000 rs; aluguer de dous carros para os bailes, 1\$920 rs; aluguer da linhagem para vestir os carros, 800 rs; tintas para os carros, homens que levaram os carros, aluguer de cabeleiras, homens que levaram os gigantes, tambores que vieram do Porto, toureadores, tapagem do Tournal, etc., etc.

*Em 1728* — com o baile que fez Miguel Pereira, 12\$000 rs; com três danças, a João Fernandes Pégada, 15\$000 rs; folia branca que fez o P.<sup>e</sup> João Caldas, 26\$400 rs; quatro andores que fez José Leite, 4\$800 rs.

*Em 1751* — procissão solene onde figuravam: um carro representando a arca de Noé, com todas as figuras correspondentes; outro representando o sacrificio que fez Noé depois do dilúvio; outro representando a batalha de Ourique, em que havia dois coros, um de cristãos e outro de mouros, outro representando a história do rei Vamba, acompanhado de várias folias, bailes e contradanças.

*Em 1769* — como Nossa Senhora há-de sair em procissão, é justo que se faça um passo de figuras, e um baile de dois carros, com músicos os melhores, e dois bailes burlescos e joco-sérios, cada um com seu carro.

*Em 1784* — para ornato da procissão, que de tarde se havia de fazer, se mandariam aprontar umas poucas de figuras, e algumas a cavalo.

Para todas as funções de mais aparato, mais caras e de certa responsabilidade cénica e represen-

tativa, onde entrassem os figurantes dos bailes, dos coros e das operas, costumava a Irmandade da Oliveira fazer contratos notariaes, deste jeito :

Em nome de Deus amen. Saibam coantos este publico instrumento de obrigação e segurança virem que no anno de mil sete sentos e sincoenta e oito, aos vinte e quatro dias do mes de Junho na villa de Guimaraes em a igreja de Nossa Senhora da Oliveira e na casa da sachristia della donde se costuma fazer as mesas da Irmandade de Nossa Senhora da Oliveira onde eu tabalião fui vindo estando ahi os reverendos clerigos que de presente servem na dita Irmandade e da outra parte Antonio Dias de Paiva da rua dos Trigais, e logo pelos ditos Senhores da mesa foi uniformemente dito que por termo que haviam feito em hum livro que serve delles a folhas catorze verso constava que para veneração e festejo da Sagrada Imagem da mesma Senhora se fizeze no presente anno duas operas e hum baile, que são as ditas duas operas a segunda e terceira parte dos Encantos de Medeira e o dito baile de Pitonisa, os quais tinham dado a Antonio Dias de Paiva com obrigação de fazer o tablado elle Antonio Dias à sua custa com as cenas e mais perparos conducentes às ditas operas pella quantia de oitenta moedas de ouro de quatro mil e oitosentos reis cada hũa, por não haver no dito tempo quem por menos as aceitasse e que só se lhe darião doze lumes para iluminarem o tablado das ditas operas, que será feito no Campo da Feira no sítio de mais comudidade, avendo carpenteiros ou pessoa que se obrigue que queira fechar o terreiro pelo rego que se lhe der, e havendo duvidas por forma que neste sítio se não possam fazer se farão na Rua dos Mercadores onde a mesa determinar. Ficou fiador Cipriano Pereira Vaz, guarda-mor da saude, morador na Rua de Santa Luzia.

E assim o disseram e assinaram (1).

(Continua)

---

(1) Nota do tabelião José da Cunha da Silva Guimarães, a folhas 32 — *Arquivo Municipal de Guimarães*.